

**MESTRE INVENTOR, EMANCIPADOR, APRENDIZ:
DOCUMENTÁRIO “QUANDO SINTO QUE JÁ SEI”**

**MASTER INVENTOR, EMANCIPATOR, LEARNER: DOCUMENTARY
“WHEN I FEEL I KNOW”**

Rômer Silva Castanheira
Jornalista/Assessor Comunicação – SAAE Oliveira
Mestrando em Educação
Universidade Federal de São João del Rei
romer.castanheira@hotmail.com

RESUMO

Esse texto faz uma análise textual do papel do mestre na escola tendo como fundamento o documentário ‘Quando sinto que já sei’, lançado em 2014, e três obras: ‘Mestre Inventor’ de 2015, ‘Mestre Ignorante’ de 1987 e o mestre do ‘Conto de Escola’ de 1886. São feitas observações e considerações de formas políticas de pensar a educação, os mestres e os alunos. Os personagens dos livros relatam suas experiências de docência e lutas por seus ideais e suas descobertas. Tanto o documentário quanto as obras apresentam formas de ensinar e aprender que inovam e repetem políticas educacionais tradicionais de conduzir o processo. Para os alunos, a natureza é o espaço da alegria, do acontecimento, e provoca sensações de bem-estar e desejo de viver com ela, para ela e nela, ainda que os mestres sejam embrutecedores, ignorantes, aprendizes e inventores. Conclui-se que mestres e alunos se igualam e se emancipam eles mesmos, quando juntos partilham saberes e conhecimentos sobre si, sobre seus grupos sociais e sobre o local onde vivem.

Palavras-chave: quando sinto que já sei; ensino e aprendizagem; vivências educativas.

ABSTRACT

This text makes a textual analysis of the role of the master in school based on the documentary 'When I Feel I Know' released in 2014, and three books: 'Master Inventor' 2015, 'Master Ignorant' 1987 and the Tale of School, 1886. Observations and considerations are made of political ways of thinking about education, teachers, and students. The personages in the books relate their teaching experiences and fights for their ideals and their discoveries. Both the documentary and the books present ways of teaching and learning that innovate and repeat traditional educational policies to conduct the process. For the students, nature is the space of joy, of the event, and causes feelings of well-being and desire to live with her, for her and in her, even though the masters are dull, ignorant, apprentices and inventors. It is concluded that teachers and students are equal and emancipated themselves when together they share knowledge about themselves, their social groups and the place where they live.

Keywords: 'When I Feel I Know'; teaching and learning; educational experiences.

INTRODUÇÃO

Um Mestre é percebido como emancipador, aprendiz, ignorante, embrutecedor? Afinal, qual o papel do Mestre na educação? O termo Mestre suscita vários significados para aqueles que possuem na mente vivências educativas. Pode ser também um título acadêmico atribuído aos concluintes de um curso de pós-graduação *stricto sensu*. Por exemplo, o Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del Rei, no ano de 2017, tinha 19 jovens pesquisadores em busca do título de Mestre. Mas, que Mestre seria esse? Existe um “título” que indica um caminho correto a ser seguido?

No dicionário do Aurélio, há algumas definições para a palavra mestre que fazem o leitor refletir se este profissional e ser social pode assumir uma posição diferencial em relação aos demais indivíduos de grupos sociais diversos. Esta figura estereotipada se caracteriza como alguém que domina o que faz, que é inovador, que ensina e que tem muita importância no contexto em que atua. Mestre para o dicionário seria:

Aquele que ensina, que trabalha sem indicações técnicas de outrem, pessoa que domina muito bem uma profissão, uma arte, uma atividade, iniciador de uma escola literária, tudo o que pode servir de ensinamento (sendo geralmente do gênero masculino), pessoa que detém um mestrado, que é o mais importante, que tem grande importância e a pessoa de grande qualidade (FERREIRA, 2017).

Por essa importância atribuída ao termo em dicionários, é relevante verificar outros papéis do mestre apresentados no Documentário, e nas obras escolhidas, escritas em tempo e espaços diferenciados. As características e os perfis de Mestres podem revolucionar uma sala de aula e os alunos, segundo o pensamento dos escritores e atores.

Esse texto propõe uma análise do papel do mestre na escola presente no documentário dos cineastas Antônio Sagrado Lovato, Raul Perez e Anderson Lima, intitulado “Quando sinto que já sei” (2014), e em três obras escolhidas: Mestre Inventor. Relatos de um viajante educador (2015)¹, Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual (2002)² e Conto de Escola (1994). Há no cerne do registro das obras o desejo da transformação de sistemas de ensino convencionais e fechados. Exploram-se os conceitos que circulam no espaço escolar, dentre eles a docência o ensino e a aprendizagem. O professor/mestre pode ser um educador, um transmissor, e um mediador de saberes e conhecimentos.

¹ O mestre inventor – Relatos de um viajante educador tem uma edição espanhola: El maestro inventor. Simón Rodríguez publicada em 2015.

² O texto foi publicado em 1987, e o autor escreve cinco lições de emancipação intelectual com alunos e um mestre ignorante que os guiou no processo ensino e aprendizagem.

O mestre ignorante, de Jacques Rancière, (2002), tem a tarefa de transmitir seus conhecimentos aos alunos quando for necessário e quando não, dando-lhes a oportunidade de elevarem-se gradativamente na busca pela sua própria ciência. “Como eles, sabia que não se tratava de entupir os alunos de conhecimentos, fazendo-os repetir como papagaios, mas, também, que é preciso evitar esses caminhos do acaso”, porque os jovens ainda não tinham o espírito formado para “distinguir o essencial do acessório; e o princípio da consequência (RANCIÈRE, 2002, p.16).

A aventura intelectual de Joseph Jacotot que, no ano de 1818, foi leitor da literatura francesa na Universidade de Louvain se viu na situação de ter que ensinar para estudantes holandeses que não falavam francês. Entre eles e os alunos, usou apenas um objeto mediador: uma edição bilingue do Telêmaco de Fénelon (PALLOTTA, 2014, p. 58).

O mestre Inventor de Kohan (2015) está representado pelo personagem Rodríguez, que ensina e aprende com crianças. Ele remete às ideias pedagógicas latino-americanas de valorização do ato de pensar, de cultivar o raciocínio, de explorar a cognição, antes de introduzir as habilidades de ler e escrever. As relações humanas sobressaem-se nas histórias e das ideias. O personagem é um mestre inventor, e “seu método não é bem um método: exige um professor que pense, que invente, que se preocupe com todos e cada um e que não aplique cegamente alguns preceitos para transmitir calmamente um saber (KOHAN, 2015, p.70).

O personagem leva sua vida conhecendo lugares, aprendendo e desprendendo. Luta por uma educação popular e libertadora, com princípios de igualdade e fraternidade. Para ele, o mestre é “um leitor reflexivo, que [tem] uma relação pessoal com seus alunos e que, também, [é] bem pago e [tem] boas condições, de tempo e de salário, para exercer a sua profissão. (KOHAN, 2015, p.70).

2 DOCUMENTÁRIO “QUANDO SINTO QUE JÁ SEI”

O documentário “Quando sinto que já sei” dos cineastas paulistas Antonio Sagrado Lovato, Raul Perez e Anderson Lima foi lançado na última terça-feira (29) na fanpage oficial <<https://www.facebook.com/QuandoSintoQueJaSei>> do filme e com exibição online no Youtube. Este registra práticas educacionais inovadoras que estão ocorrendo no Brasil. A obra reúne depoimentos de pais, alunos, educadores e profissionais de diversas áreas sobre a necessidade de mudanças no tradicional modelo de escola.

A escola tradicional acompanha as mudanças que ocorrem na sociedade? A resposta dos entrevistados do documentário *“Quando sinto que já sei” é “não”*. O longa-metragem é um projeto independente que apresenta escolas e projetos que usam novos modelos de educação nos quais o aluno busca seus conhecimentos e usa suas potencialidades para ensinar e aprender com alegria. Educadores, pesquisadores e as crianças mostram que é possível à escola promover a participação cidadã, a autonomia, a afetividade, e a convivência social e emocional. “Porque a educação não se faz ‘para’ a cidadania e sim ‘na’ cidadania, no exercício da liberdade responsável, para perceber o que somos, aonde estamos e para onde vamos com o outro”, afirma José Pacheco, educador e idealizador do Projeto Ponte, em Portugal, e colaborador do Projeto Âncora, em Cotia (SP).

Os diretores cineastas visitaram dez espaços educativos com iniciativas inovadoras em oito cidades brasileiras, com projetos, abordagens e caminhos diversos das escolas mencionadas nas obras de Machado de Assis e Jacques Rancière, as quais tinham como autoridade máxima a figura do mestre, único cidadão respeitado pela sociedade. As práticas estão rompendo com o modelo tradicional de escola. Citam-se os projetos Âncora, em Cotia (SP), e o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), em Curvelo (MG) como modelos de educação que produzem autonomia de aprendizagem, liberdade de escolhas e a integração com os eventos da comunidade.

As escolas ousaram inovar nas relações professor, saberes, conhecimentos e alunos. Novas concepções e experimentações revolucionaram a sala de aula, as relações de escolas públicas e privadas com a comunidade e seus habitantes. O respeito aos ritmos individuais gera respeito, motivação e criatividade. Todos têm por princípio o respeito pela individualidade de cada um, e pelo contexto social no qual se inserem. Para Raul Perez, um dos diretores de *“Quando sinto que já sei”*, autonomia e afetividade são as principais semelhanças entre as escolas visitadas, e isso significa entender o aluno como indivíduo e não “como um produto na linha de produção em série, como ocorre nas instituições convencionais”.

Busco vivenciar e compreender em sintonia com o sentido apontado por Larrosa (2014) quando diz que a experiência é algo da ordem do *acontecimento*, é quando algo que toca a cada um/a e que requer e implica uma interrupção, no sentido de parar para sentir e pensar a experiência acontecida (CIRINO, 2015, p. 14).

Não há necessidade de provar a assimilação de conteúdo, mas sim de senti-lo. Quando o aluno sente que já sabe, está preparado para repassar suas ideias sobre o tema internalizado. As vozes das crianças, professores, educadores, diretores, pais expressaram a preocupação com

as diferentes maneiras de educar-se. As contrapartidas ocorrem no compartilhar do processo ensino e aprendizagem. Ilustrados pelos ensinamentos do pedagogo português José Pacheco – criador da Escola Ponte em Portugal – os cineastas filmaram professores, tutores, psicólogos, diretores, além de crianças para entender o que seria o novo paradigma de escola para o século XXI – a Escola Democrática.

“Quando sinto que já sei”, documentário exibido na Europa e no Brasil, retrata as experiências de convivência da educação livre, a alternância dos papéis de professor e aluno, os aspectos físicos e curriculares das escolas, e colhe material e depoimentos daqueles estabelecimentos e pessoas que vivem a realidade de uma escola diferenciada dos padrões criados para a escola no século XIX. A aceitação deste modelo também passa por um processo de conhecimento e de aventura.

Para Raul Perez, a escola não mudou muito durante mais de um século. Suas experiências escolares o motivaram a estudar o tema da relação professor e aluno. “Segundo ele, as vezes o sistema é tão fechado para mudanças que os docentes não conseguem empreender, e acabam desmotivados” (OLHAR DIRETO, 2013). Seu desejo de mostrar que existem outros modos de ensinar e aprender está concretizado no trabalho documentário, enriquecido com as ideias de escola democrática de Lovato.

3 DESENVOLVIMENTO

“Quando sinto que já sei” é um filme de 78 minutos, pertencente ao gênero textual documentário. Foi um projeto financiado em 2013, e a proposta levantou polêmicas e discussões sobre a educação no Brasil. Com a exposição de um novo pensamento, diferente das escolas tradicionais, as inquietações em meios educativos afloraram.

A temática central do documentário é a alteração do modelo considerado pelos entrevistados como tradicional de escola. Os mestres não são mais os que norteiam as decisões e sim são participantes do processo, como nos estudos de recepção em que não mais se tem um emissor, uma voz única e sim um emissor/receptor que participa das situações de ensino e aprendizagem, ao emitir seu pensamento e suas opiniões.

No documentário, são criticadas as escolas com carteiras enfileiradas, aulas de 50 minutos, provas constantes, e sinal de fábrica para indicar o intervalo. As novas perspectivas escolares traçam outros diálogos entre os figurantes, com liberdades de escolha para a tomada de decisões. Uma das características publicitárias da obra artística é colocá-la como solução e

salvação para a educação praticada em escolas convencionais. Havia uma promessa de partilhar os ganhos da arrecadação com as escolas públicas brasileiras.

Entre o mestre e o aluno circulam dois fatores de ensino e aprendizagem: a vontade e a inteligência. No livro estaria o conhecimento, e este mediaría a relação entre os dois. O mestre que sabe e o aluno que aprende é uma relação de vontade a vontade, com a “dominação do mestre, que tivera por consequência uma relação inteiramente livre da inteligência do aluno (RANCIÈRE, 2002, p.25). No corpo do documentário são colocadas outras maneiras de aprendizado ou de repassar o conteúdo, até na possibilidade de um professor ser o mediador e não o profissional ou pessoa que está hierarquicamente responsável por um grupo de crianças e sim uma pessoa que auxilia e orienta quando requisitado para tal.

Rancière (2002), por meio do personagem Joseph Jacotot, diz que é possível ensinar para os ignorantes, pois acredita na igualdade das inteligências. Porém é preciso que o aluno conheça seus potenciais e use sua inteligência com confiança. Isto não desvaloriza a ciência apropriada pelo mestre, o qual tanto pode questionar quanto responder aos desafios que as instituições sociais apresentam. Ele sonhava “que cada ignorante pudesse se fazer, para outro ignorante, um mestre que revelaria a ele seu poder intelectual” (p. 29).

Este ato de um aluno ensinar ao outro também é assunto do conto de Machado de Assis. Seu personagem principal ajudava o filho do professor em suas dificuldades. “Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai”. O Raimundo estava sempre lhe pedindo ajuda, e naquele dia, estava lhe oferecendo um pago por seu serviço. Porém, “se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes” (ASSIS, 1994, p. 4-5).

Percebe-se um modelo convencional, monótono, burocrático e nada inovador da escola, que enaltece o conhecimento dos livros, e desconsidera as diferenças. “Passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada” (ASSIS, 1994, p. 5).

Essa ruptura do modelo convencional está relatada no documentário, mais especificamente, quando, dois alunos aparecem em cena, sendo que um está enquadrado de forma superior a outro, separados com faixas e explicitados em setas. Isto mostra que a igualdade de inteligências que tanto buscam, se dissipa na divisão entre os participantes do processo ensino e aprendizagem. Estes estudantes de uma escola da Comunidade da Rocinha são distribuídos em grupos denominados por eles como “famílias” com faixas etárias diferentes.

Figura 1: Alunos de Escola da Comunidade da Rocinha



Fonte: Fotograma do filme “Quando sinto que já sei”

A Estudante R.O.M (figura 1) expõe que o professor interfere para sanar suas dificuldades, somente quando um conteúdo não ficou suficientemente claro e explicado. Inicialmente, ela espera que o mestre siga os meios convencionais. Porém, depois que conhece seu poder de aprender, sente-se importante por ter condições de ensinar a outros, sobretudo aqueles com idade inferior à sua, e pessoas da “família”.

[...] o não-saber como condição dessa relação e possibilidade de saber, e a relação principiadora e irrenunciável de igualdade entre aprendizes e mestres, o ensino de filosofia abordado como problema filosófico, o qual implica uma ruptura com o estabelecido, e por fim, o escolar pensado como *tempo livre*, que coloca em suspensão a ordem hierárquica instituída (CIRINO, 2015, p. 98).

O personagem de Kohan (2015) reforça a ideia do inacabado, pois o ensino e a aprendizagem fazem nascer e renascer os conteúdos e as ementas curriculares. Aprende-se com os erros, com as incertezas, as dúvidas, as viagens do pensamento e os modos de ver a vida. A escola pode ser um espaço que exclui, e Rodríguez “faz escola” fora de muros, onde se pode inventar a escola com gente grande e pequena.

Não necessariamente o Mestre é visto como tal apenas quando está em sala de aula. Ele vive suas experiências e as compartilha com seus grupos sociais. Em o Mestre Inventor, “Rodríguez sabe que seu encontro com Thomas ocorre fora da escola. Quer levar isso que ele aprendeu para dentro das escolas? Isso é possível em uma instituição de ensino? Os professores podem realizar essa tarefa nas escolas? Devem fazer isso? ” (KOHAN, 2015, p.83).

No documentário, a integração de escolas com a comunidade mostra outra forma de educar, a qual atribui significado aos papéis sociais que podem vir a acontecer na vida de qualquer pessoa da sociedade brasileira. Os alunos assumem “cargos” e “funções” públicas

como Prefeito/a, Vice-Prefeito/a e Vereador/a da instituição escolar, e necessitam renovar a posição tradicional destes cargos. A ideia fundamental é reduzir a hierarquia existente na presente administração pública, a qual impede que o cidadão tenha acesso às pessoas, ao exercício de sua cidadania e aos benefícios que ele pode vir a conquistar para suas comunidades. Os mestres dão lugar a novos mestres, mestrinhos, com capacidades de promoção pessoal visando melhorias sociais, culturais, políticas e não apenas educacionais.

Assim, o trabalho do professor é de uma sensibilidade intelectual sobre outra sensibilidade intelectual, a do estudante, para que este volte sua atenção ao que é necessário para a vida. Isso requer tempo e paciência e que o professor considere seus estudantes como iguais, e não como inferiores (KOHAN,2015, p.89).

Ao pensar em um diálogo entre professor e aluno, e na relação do Mestre com o aluno, um exemplo muito importante se faz presente em “Conto de Escola” do autor Machado de Assis (1994). No diálogo do menino Raimundo, aluno e filho do professor Policarpo, presencia-se uma relação hierárquica forte e ríspida. “Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco” (ASSIS, 1994, p. 1-2) ”

Se as circunstâncias e as convenções separam e hierarquizam os homens, criando a dominação e forçando à obediência, é porque elas são as únicas a poder fazê-lo. “É precisamente porque nós somos todos iguais por natureza que devemos ser todos desiguais pelas circunstâncias”. “A igualdade permanece a única razão da desigualdade””. (RANCIÈRE, 2002, p. 96).

Não existe o perdão para atos classificados pelo mestre como indignos, e os erros deveriam ser punidos, independentemente do tempo, do ambiente e das pessoas. Rancière (2002) ressalta que “a criança que balbucia sob a ameaça das pancadas obedece à fêrula”³. Consequentemente, ela desviará sua inteligência para outras coisas, já que compreende que existe uma hierarquia, e não desenvolverá seu poder emancipatório (RANCIÈRE, 2002, p.21.) O personagem relator do texto de Machado de Assis, depois de ter visto pela janela da escola, no céu azul e claro, um papagaio de papel alto e largo expressou-se arrependido para seu colega: “fui um bobo em vir” (Assis, 1994, p.2). Rodríguez percebeu com a ideia de Thomas, de construir uma escada humana, que não somente a escola ensina coisas importantes.

Rodríguez sente que aprende coisas importantes nesse dia. Não foi na escola. Tampouco foi de pessoas conhecidas, instruídas e importantes. Não são os professores que estão a ensinar neste momento. Continua pensando nesses aspectos do que experimentou, nos princípios que estão nascendo. “E preciso seguir andando. É preciso continuar indo à escola. Mas depois dessa pequena

³ Fêrula – palmatória.

experiência com o pequeno Thomas, Simón Rodríguez já não poderá pensar como pensava anteriormente. Já não poderá mais ir para a escola da forma tranquila e acolhedora como ia antes. Já não poderá mais viver a vida que vivia (KOHAN, p. 35).

Submissão e autoridade são elencadas na obra de Rancière (2002) como a submissão dos sujeitos à disciplina, com objetivo de progredir e fazer com que cada um alcance os limites de suas capacidades e potencialidades. “O conhecimento das matérias do programa para a maioria” não deixava de ser um modelo que escolheria os melhores para serem mestres (RANCIÈRE, 2002, p.10). Além disso, havia o medo da reprovação, que significava ficar para trás em relação aos demais colegas de classe. “Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai” (ASSIS, 1994, p.4).

Pilar costumava ensinar os pontos para Raimundo, o qual tinha dificuldade para assimilar as explicações do mestre e pai. O fato também foi constatado por Rancière quando o mestre Joseph Jacotot percebeu que seus alunos estavam aprendendo sem as suas explicações. Isto diferia das práticas do sistema educacional tradicional de transmissão de conhecimentos do mestre para os seus pupilos. O que ele estava realmente comunicando não era a sua ciência, mas sim o modo como os discentes podiam explorar suas inteligências. Isto é visto no documentário, que reúne várias iniciativas de ensino e aprendizagem com um fio condutor emancipador dos sujeitos.

Seu método era próprio para formar homens emancipados, mas não instrutores militares, ou sequer servidores de qualquer especialidade social. Entendamo-nos bem: um homem emancipado pode ser instrutor militar, tanto quanto serralheiro ou advogado (RANCIÈRE, 2002, p. 108).

Os depoimentos apresentados no documentário variam do temor à confiança de pais, alunos, educadores, mestres, e outros profissionais de áreas diversas que estão aprendendo a lidar com as incertezas do futuro cognitivo, emocional, e relacional daqueles que estão se preparando para trabalhar e viver na sociedade capitalista do consumo e do lazer. Do mesmo modo, os personagens de Rancière e Assis sentem a inquietação dos mestres porque eles viviam um momento político de revolução, de renovação das instituições. “Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto” (ASSIS, 1994, p. 3). “Só você sabe, porque vê, como eu, que para fazer repúblicas, se fazem necessárias pessoas novas” (KOHAN, p. 94).

A visão crítica pedagógica daqueles que estão fazendo uma nova escola, aplicando métodos e exercitando a vida, aprendendo o novo, o diferente e o ideal pode estar nos conteúdos diferenciados das ementas curriculares tradicionais. Muitos exemplos mostram lugares pitorescos, com paisagens bucólicas, onde os alunos descobrem saberes escolares e partilham com seus colegas e mestres. Na escola de Pilar, Curvelo e Raimundo, havia bancos e livros, colegas e objetos. A natureza, o céu azul, o campo e os morros estavam do lado de fora, e eram mais atraentes, mais prazerosos do que aulas de escrita. Os castigos em casa e na escola, os sonhos de seu pai para seu futuro, eram algumas marcas das escolhas diárias do personagem Pilar pelos estudos ou brincadeiras (ASSIS, 1994).

A proposta do aprender e fazer uma escola nova para novos de Rodríguez e Bolívar assenta-se na alegria de ensinar. Todos são atores estudantes, se percebem como iguais e “ninguém pode ficar de fora”, ainda que sejam de cor de pele diferente, de crença religiosa diversa e de família sem posses. “Nessa escola, aprende-se o valor do próprio trabalho, trabalhando. Também se aprendem artes e ciências. Aprende-se a pensar pensando e a conviver convivendo” (KOHAN, 2015, p. 93).

Bolívar, em “O mestre inventor”, ressalta Rodriguez com o posicionamento de um Mestre inventor, que varia muito seus posicionamentos e que cria: “Ele é um professor que ensina divertindo. Não se parece em nada com os velhos mestres da colônia, é um professor novo para os novos, para aqueles que querem fazer uma nova sociedade”. (KOHAN, 2015, p.90).

Uma nova escola, com mestres fora de contextos político e social específicos, é essencial e mudanças precisam acontecer. “É uma forma de compromisso com a aprendizagem a partir de um aprendizado fundamental, experimental, marcante” como aquele que Rodríguez viveu com Thomas, e “passa a conformar um de seus principais sentidos”. Todos os dias mestres e alunos aprendem na espiral do não-saber. “É também a marca de uma disposição, um não-saber definitivo nem acabado, ainda que se tenha princípios firmes e convicções profundas” (KOHAN, p. 47). “Eles haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre. Antes, não sabiam e, agora, sim. Logo, Jacotot havia lhes ensinado algo [...]. Não era, portanto, a ciência do Mestre que os alunos aprendiam” (RANCIÈRE, 2002, p.25).

No documentário os alunos do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) são livres. Na figura 2, observa-se que eles estão sem uniformes, fora da sala de aula, e sem expressarem preocupação com o conhecido, e sim com o desconhecido. Descobrem algo a partir do não saber, algo diretamente ligado à vida. As experiências podem ser suficientes para o

mestre. “Pode-se ensinar o que se ignora” (RANCIÈRE, 2002, p. 107), desde que este ensinamento explore as potencialidades intelectuais do aprendiz.

Figura 2: Alunos do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD)



Fonte: Fotograma do filme “Quando sinto que já sei”

Ao relacionar os Mestres das três obras, é possível caracterizá-los conforme suas atitudes para com o ensino e aprendizagem. São arquétipos de mestres que figuram como tais em diferentes momentos políticos e fases escolares. O mestre Policarpo, em *Conto de Escola*, é um mestre embrutecedor, hierárquico, atrelado aos laços da rotina da escola. O mestre Joseph Jacotot é um mestre ignorante das potencialidades de seus alunos, e Rodríguez de Kohan como um mestre inventor, descobridor, é ousado em trabalhar com a inclusão e a igualdade de oportunidades e inteligências.

Uma ponte mantém uma distância que pode ser comparada à materialidade do livro, que separa o autor do leitor. No momento em que estes atores se encontram, a distância se anula e nascem os sentidos das frases, das palavras e das metáforas. Nasce a pesquisa contínua e a busca incessante pelo saber, e a coisa nova se une à coisa que já se conhece.

O essencial é a contínua vigilância, essa atenção que jamais se relaxa sem que venha a se instalar a desrazão – em que excelem tanto aquele que sabe quanto o ignorante. O mestre é aquele que mantém o que busca em seu caminho, onde está sozinho a procurar e o faz incessantemente (RANCIÈRE, 2002, p.44).

Rodríguez (2014), personagem do Mestre inventor ressalta que o segredo do bom mestre estaria no seu olhar aberto aos feitos e ideias das crianças que o observam. Dessa forma, tudo seria visto com alegria, acolhido com dedicação, com cuidado, nutrição e apreciação. Ao contrário, no conto de Assis (1994), os personagens leem os olhares e se comportam conforme as regras do mestre, as quais não podem ferir a ordem. “Na verdade, o mestre fitava-nos. Como

era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado” (ASSIS, 1994, p .3). Não se olha para o conhecimento, mas sim para o comportamento.

As relações de força, inveja e ciúmes são entre pessoas, e o conhecimento escolar poderia ser uma moeda de troca da recompensa ou da punição. As vivências do mestre e dos alunos representavam as formas de educar, e de julgar atitudes corretas e incorretas. Houve uma negociação entre Pilar e Raimundo, e ambos trocaram ensinamento por dinheiro. “Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? Disse-me Policarpo”. O mestre, na condição de professor, também recebia dinheiro para ensinar seus alunos. “Perdão, seu mestre... solucei eu. – Não há perdão”. (ASSIS,1994; p. 7). O sofrimento do castigo se deveu à delação de Curvelo e à corrupção que se submeteu, dois aprendizados novos para o personagem Pilar.

O documentário apresenta depoimentos como o de Tião Rocha que fala que a criança não precisa sofrer para aprender. Sobre esse sofrimento, percebe-se que quanto maior a rigidez, maior o sofrimento das crianças e adolescente em entender o conteúdo, pois se sentem pressionadas pelo saber e pelos colegas.

Para Rancière, o mandamento emancipador não trabalha com a ideia de negociações. O sujeito é capaz de comandar-se a si mesmo. Na vida de Raimundo, que possui o mesmo pai e o mesmo mestre, a educação representa uma relação confusa entre sua casa e a escola, não havendo um escape, um espaço de alívio mental, intelectual e moral. Não há o tempo livre. O mestre ignorante, por outro lado, é emancipador, e pode fazer de seu lar um espaço para desenvolver uma nova consciência, “uma superação de si que estende o “próprio negócio” de cada um até o ponto em que ele se faz exercício integral da razão comum” (RANCIÈRE, 2002, p. 49).

O Antropólogo e educador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (ver figura 3), situado na cidade de Curvelo, Minas Gerais, explica que o modelo tradicional de escola, citado no documentário como aquele caracterizado por aulas cronometradas, filas, mesma faixa etária, e outras severidades explicadas pelo personagem Pilar do Conto da Escola, pode ser comparado ao “serviço militar” obrigatório. Para ele, isto significa sofrimento, porque não existe relação de confiança entre as vontades e as inteligências.

Figura 3 Educador do Centro Popular de Cultura Tião Rocha



Fonte: Fotograma do filme “Quando sinto que já sei”

O cumprimento de ordens é inquestionável, e sempre a pessoa é uma página em branco, que se enche de letras, palavras e frases, e pouco a pouco, descobre as relações de poder e de desigualdades. “O embrutecedor não é o velho mestre obtuso que entope a cabeça de seus alunos de conhecimentos indigestos, nem o ser maléfico que pratica a dupla verdade, para assegurar seu poder e a ordem social” (RANCIÈRE, 2002, p.20). As vontades do aluno e do mestre e suas inteligências necessitam estar niveladas, em posição de igualdade.

O autor, em entrevista, explica o título de seu livro: “O que é o “mestre ignorante?” É um mestre que se retira empiricamente de jogo e diz ao candidato à emancipação: o problema é seu, eis aqui esse livro, eis aqui a oração, eis aqui o calendário, eis aqui o que tens a fazer, observa os desenhos nessa página, diz o que podes reconhecer aí etc. Essa posição do ignorante é naturalmente acentuada quando o mestre realmente ignora o que o aluno deve aprender – é a experiência de Jacotot como professor de holandês ou de pintura. Mas, fundamentalmente, “ignorante” quer dizer ignorante da desigualdade (VERMEREN et al., 2003, p. 192).

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A educação é um tema de discussão muito controverso, e os pensadores possuem ideias das mais variadas. O que se conclui, é que existe uma ânsia em renovar e inovar. Quando as pessoas adquirem um imóvel, logo pensam em torná-lo um ambiente próprio e caracterizado por suas vontades. Jardins e decorações são construídos e destruídos com imensa velocidade. Assim é na escola, e sobretudo quando as políticas, a direção e os interesses predominam sobre o verdadeiro papel desta instituição.

Muitas leis de diretrizes e bases passaram por avaliações, reformas, discussões e lutas políticas. Os esforços republicanos de criar a instrução pública estão marcados por diferentes formas de ensinar e aprender profissões, profissionais e a ser um homem/mulher novo/nova. As tecnologias educacionais, nas últimas décadas, entraram nas salas de aula e nas mentes humanas e disseram que iriam revolucionar os processos de ensino e aprendizagem.

As lições das obras analisadas apontam para nossos modos de viver e formas de pensar o mundo em que vivemos. O importante é compartilhar, respeitar e propor mudanças para emancipar, conviver e viver em todos os espaços de ensino e aprendizagem, estejam eles onde estiverem.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.
- CIRINO, Maria Reilta Dantas. **Filosofia com crianças: cenas** de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). Tese. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2015.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com>>. Acesso em: 28 nov. 2018.
- KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**. Relatos de um viajante educador. Autêntica Editora, 2015.
- OLHAR DIRETO. Quando sinto que já sei: filme mostra alternativas para a educação. Disponível em: <<https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=348002¬icia=quando-sinto-que-ja-sei-filme-mostra-alternativas-para-a-educacao>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Disponível em: <www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=146>. Acesso em 23 jun. 2018.
- LOVATO, Antônio Sagrado; PEREZ Raul; LIMA, Anderson (dir.). **Quando sinto que já sei**. Documentário. São Paulo: Despertar Filmes. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- PALMA, Ana da. Resumo de leitura de O mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual (2010) de Jacques Rancière. Disponível em: <<https://arestas.blogs.sapo.pt/resumo-de-leitura-de-o-mestre-432168>>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- PALLOTTA, Julien. A trajetória teórico-política de Jacques Rancière. **Aisthe**, v. VIII, n. 12, 2014, p. 52-68. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Aisthe/article/view/10531/7890>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- VERMEREN, Patrice; CORNU, Laurence; BENVENUTO, Andrea. Atualidade de o mestre ignorante. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 24, n. 82, p. 185-202, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 25 fev. 2018.